

Série **Artigos**



Manaus e o esquecimento da cidade:

memória urbana,
abandono e a difícil
construção do espaço

DURANGO DUARTE



Manaus e o esquecimento da cidade:

memória urbana, abandono e a difícil construção do espaço público

As cidades carregam memórias. Algumas preservam seus exemplos de sucesso e aprendem com eles. Outras parecem condenadas a esquecer suas próprias lições.

Manaus vive hoje essa contradição. Poucos habitantes sabem que a capital amazonense já foi considerada uma das cidades mais limpas do Brasil. Menos ainda conhecem a história de um casal estrangeiro que ajudou a transformar a paisagem urbana local e criou um modelo de limpeza pública que se tornou referência nacional no final da década de 1940.

Setenta anos depois, a mesma cidade convive com problemas que deveriam ter sido superados há décadas: drenagem insuficiente, esgoto a céu aberto, ocupações desordenadas, degradação dos igarapés, calçadas intransitáveis, manutenção precária das vias públicas e uma sensação generalizada de abandono urbano.

Este artigo não pretende apenas criticar a situação atual. Busca compreender como uma cidade que já foi exemplo nacional

chegou a esse estágio e por que, apesar dos avanços estatísticos e dos investimentos públicos anunciados, a percepção de grande parte da população continua sendo a de que Manaus permanece distante da qualidade urbana que sua importância econômica, ambiental e histórica exige.

A comparação entre a Manaus do passado e a Manaus contemporânea não é mero exercício de nostalgia. É um convite à reflexão sobre planejamento, gestão pública, responsabilidade política e memória coletiva.

As cidades não são feitas apenas de ruas, pontes, praças e edifícios. São também construídas por experiências compartilhadas, símbolos coletivos e valores que se materializam no espaço urbano.

Quando uma cidade perde a capacidade de preservar seus espaços públicos, frequentemente está perdendo também parte de sua identidade. O estado de conservação das ruas, dos igarapés, das praças e dos equipamentos públicos revela muito mais do que a eficiência de uma administração, revela a forma como uma sociedade enxerga a si mesma, cuida de seu patrimônio comum e projeta o seu futuro.

Por essa razão, discutir a situação urbana de Manaus não significa apenas discutir obras, saneamento ou drenagem, significa refletir sobre cidadania, memória urbana e responsabilidade coletiva.

Não é necessário percorrer áreas periféricas para perceber isso. Nas avenidas centrais, nos conjuntos residenciais, nos bairros históricos e nas zonas de expansão urbana, os sinais da deterioração urbana estão por toda parte: bueiros sem tampa, calçadas destruídas, ruas esburacadas, drenagem insuficiente, esgoto a céu aberto, igarapés transformados em depósitos de resíduos, iluminação precária e ocupações irregulares avançando sobre áreas públicas.

Manaus cresceu sem planejamento adequado e continua sendo administrada, muitas vezes, como se seus desafios pudessem ser resolvidos apenas por meio de operações emergenciais e campanhas publicitárias. A cada inverno amazônico, repete-se o mesmo cenário: ruas alagadas, casas invadidas pela água, famílias desalojadas e prejuízos que se acumulam ano após ano.

A tragédia já não surpreende, tornou-se rotina.

Quando Manaus era referência nacional

Poucos manauaras sabem que a cidade já foi considerada uma das capitais mais limpas do Brasil.

Essa transformação esteve diretamente ligada à atuação do escocês Harry MacNab Cant e de sua esposa norte-americana, Katharine Harper Cant, responsáveis por revolucionar os serviços de limpeza urbana de Manaus no final da década de 1940.

Katharine Harper chegou inicialmente à Amazônia durante a Segunda Guerra Mundial, estabelecendo-se primeiro em Belém. No período pós-guerra, mudou-se para Manaus com o marido. Ao chegarem à capital amazonense, por volta de 1947 e 1948, encontraram uma cidade que enfrentava graves problemas de higiene urbana e um sistema de limpeza pública considerado precário e insuficiente para atender às necessidades da população.

Em vez de aceitar aquela realidade como inevitável, o casal decidiu agir. Inspirados pelo modelo dos famosos *White Wings* (“Asas Brancas”) de Nova York — apelido dado aos garis da cidade norte-americana por seus uniformes brancos impecáveis — Harry e Katharine desenvolveram um sistema inovador de limpeza urbana adaptado à realidade amazônica.

Os funcionários utilizavam uniformes brancos e seguiam rígidos padrões de organização, disciplina e apresentação. A própria frota de veículos também era padronizada. A proposta era simples, mas revolucionária para a época: a limpeza urbana deveria ser tratada como um serviço essencial à dignidade da cidade.

A maior inovação, entretanto, veio da liderança de Katharine Harper Cant. Em vez de recrutar predominantemente homens, ela organizou uma força de trabalho composta majoritariamente por mulheres para executar os serviços de varrição e coleta urbana.

O grupo ficou conhecido na história de Manaus como as célebres “Mulheres do Lixo”, um conjunto pioneiro de trabalhadoras que se tornou símbolo de eficiência, disciplina e transformação urbana. A própria Katharine coordenava as equipes e acompanhava os trabalhos nos diferentes bairros da cidade, organizando a logística e supervisionando as operações.

Os resultados foram rápidos e impressionantes. Em poucos anos, Manaus passou a ser reconhecida nacionalmente pela qualidade de seus serviços de limpeza urbana. O sucesso foi tão expressivo que chamou a atenção da imprensa brasileira.

Em 26 de agosto de 1950, a tradicional revista O Cruzeiro publicou uma grande reportagem intitulada *“Roteiro Amazônico – Manaus era uma das mais limpas cidades do país, graças às mulheres do lixo”*. A matéria destacou o trabalho desenvolvido pelo casal Cant e registrou em fotografias o cotidiano das trabalhadoras que ajudaram a transformar a paisagem urbana da capital amazonense.

Os registros históricos dessa experiência permanecem preservados em acervos especializados, como o Instituto Durango Duarte (IDD), constituindo um dos capítulos mais notáveis da história urbana de Manaus.

Mais do que uma curiosidade histórica, a experiência de Harry MacNab Cant e Katharine Harper Cant demonstra que transformar uma cidade nunca foi apenas uma questão de recursos financeiros. Trata-se, sobretudo, de liderança, planejamento, gestão eficiente e compromisso com o interesse coletivo.

Se uma Manaus muito menor, com infraestrutura limitada e recursos escassos, conseguiu tornar-se referência nacional em limpeza urbana há mais de sete décadas, a pergunta permanece atual: por que uma cidade muito mais rica e estruturada ainda encontra tantas dificuldades para oferecer serviços urbanos de qualidade à sua população?

O episódio das “Mulheres do Lixo” também permite uma reflexão mais ampla sobre a natureza dos espaços públicos.

O urbanista dinamarquês Jan Gehl observa que a qualidade do ambiente urbano influencia diretamente a forma como as pessoas vivem, convivem e se relacionam com a cidade. Ruas limpas, calçadas acessíveis, áreas verdes preservadas e espaços públicos bem cuidados não são apenas elementos de conforto, são instrumentos de cidadania.

Quando igarapés se transformam em canais de esgoto, quando calçadas deixam de cumprir sua função ou quando áreas públicas passam a transmitir sensação de abandono, não ocorre apenas uma deterioração física da cidade. Ocorre uma erosão silenciosa da vida coletiva.

Sob essa perspectiva, a história de Harry MacNab Cant, Katharine Harper Cant e das “Mulheres do Lixo” deixa de ser apenas um capítulo curioso da história local. Ela se transforma em uma referência concreta de como a gestão urbana pode influenciar diretamente a qualidade de vida e o sentimento de pertencimento da população.

BOX HISTORIOGRÁFICO

As “Mulheres do Lixo” e a transformação urbana de Manaus

Um dos episódios mais extraordinários da história urbana amazônica ocorreu em 1948, quando Harry MacNab Cant e Katharine Harper Cant assumiram a reorganização dos serviços de limpeza pública da capital.

Inspirados nos “White Wings” de Nova York, o casal implantou um sistema inovador baseado em disciplina operacional, padronização dos serviços e valorização dos trabalhadores da limpeza urbana.

A principal inovação foi a formação de equipes compostas majoritariamente por mulheres. Coordenadas por Katharine Harper Cant, essas trabalhadoras ficaram conhecidas como as históricas “Mulheres do Lixo”.

O modelo alcançou resultados tão expressivos que chamou a atenção da imprensa nacional. Em reportagem publicada em 26 de agosto de 1950, a revista *O Cruzeiro* descreveu Manaus como uma das cidades mais limpas do Brasil graças ao trabalho desenvolvido por essas equipes.

A experiência permanece como um dos exemplos mais bem-sucedidos de gestão urbana da história da capital amazonense.

BOX INFORMATIVO

Quem foram as “Mulheres do Lixo”?

Ano de implantação: 1948

Idealizadores: Harry MacNab Cant e Katharine Harper Cant

Origem da inspiração: Departamento de Limpeza Urbana de Nova York (White Wings)

Principal inovação: utilização de equipes compostas majoritariamente por mulheres

Objetivo: modernizar os serviços de limpeza urbana e elevar os padrões de higiene pública

Resultado: Manaus tornou-se referência nacional em limpeza urbana

Reconhecimento: reportagem especial da revista *O Cruzeiro* publicada em 26 de agosto de 1950

Acervos históricos: Instituto Durango Duarte (IDD) e coleções da revista *O Cruzeiro*

O que aconteceu com Manaus?

A questão central não é apenas compreender por que Manaus se tornou uma cidade mais problemática do ponto de vista urbano. Toda cidade cresce, enfrenta dificuldades e acumula desafios.

A pergunta mais relevante é outra: por que uma cidade que já demonstrou capacidade de organização e eficiência administrativa não conseguiu transformar essa experiência em uma cultura permanente de planejamento urbano?

A resposta não está em um único governo ou em uma única decisão política. Ela resulta da combinação de décadas de crescimento acelerado, ocupação desordenada, fragilidade institucional, descontinuidade administrativa e ausência de políticas estruturantes capazes de sobreviver às alternâncias de poder.

Os números desmentem parte do discurso oficial

Os defensores das últimas administrações municipais costumam destacar avanços em saneamento básico. E, de fato, alguns indicadores merecem reconhecimento.

Dados do Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS), do Instituto Trata Brasil e de levantamentos municipais apontam que o abastecimento de água tratada alcança mais de 97% da população de Manaus, percentual superior à média nacional.

Entretanto, quando se observa a coleta e o tratamento de esgoto, o cenário revela um passivo histórico significativo. Os dados mais recentes indicam que apenas cerca de um terço da população possui acesso à rede de esgotamento sanitário. Isso significa que mais de 1,5 milhão de manauaras ainda convivem sem esse serviço essencial.

Esse quadro ajuda a explicar por que tantos igarapés continuam funcionando como canais de esgoto a céu aberto, por que diversos cursos d'água urbanos seguem contaminados e por que bairros inteiros ainda enfrentam problemas sanitários incompatíveis com uma capital de mais de dois milhões de habitantes.

Mais preocupante ainda é a situação da drenagem urbana. Diagnósticos constantes do Plano Municipal de Saneamento Básico apontam deficiências no mapeamento de áreas de risco, limitações nos sistemas de monitoramento hidrológico e milhares de domicílios sujeitos a inundações periódicas.

Trata-se de uma realidade que se repete a cada inverno amazônico, quando avenidas se transformam em rios e famílias perdem móveis, veículos e, em alguns casos, até suas próprias moradias.

A pergunta permanece: como uma cidade que arrecada bilhões de reais anualmente ainda não conseguiu resolver problemas básicos de drenagem, limpeza urbana e ordenamento territorial?

A cidade da propaganda e a cidade real

A gestão atual da Prefeitura destaca investimentos em infraestrutura, saneamento, iluminação pública, recapeamento asfáltico e mobilidade urbana. É inegável que existem obras em andamento e investimentos relevantes em diversos setores.

Contudo, o cotidiano dos moradores frequentemente revela uma realidade distinta daquela apresentada nas campanhas institucionais.

A cidade real é aquela onde igarapés continuam recebendo resíduos diariamente; onde ruas recém-recapeadas apresentam falhas poucos meses após a inauguração; onde o trânsito se agrava em ritmo superior às soluções implementadas; onde bairros inteiros

convivem com alagamentos previsíveis; e onde a ocupação irregular avança mais rapidamente do que a capacidade de fiscalização do poder público.

O problema não parece ser apenas a escassez de recursos. O desafio central está na definição de prioridades e na capacidade de executar políticas públicas estruturantes.

A impressão recorrente é que a administração municipal se tornou especialista em obras de impacto visual imediato, mas menos eficiente na implementação de soluções capazes de transformar permanentemente a qualidade de vida urbana.

O paradoxo de Manaus

Manaus vive um paradoxo.

Ao mesmo tempo em que registra avanços em alguns indicadores de saneamento e recebe bilhões de reais em investimentos públicos e privados, continua oferecendo ao cidadão uma experiência urbana marcada pela precariedade, pelo imprevisto e pela sensação de abandono.

Os números melhoram, a cidade, nem sempre. Sob esse aspecto, Manaus não constitui uma exceção.

A capital amazonense reproduz um fenômeno observado em diversas cidades brasileiras: o contraste entre investimentos pontuais de grande visibilidade política e a dificuldade histórica de executar políticas permanentes de manutenção urbana.

Obras inauguradas costumam produzir dividendos eleitorais imediatos. A manutenção cotidiana da cidade, entretanto, raramente gera o mesmo retorno político. Como consequência, ações estruturantes e de longo prazo frequentemente recebem menos atenção do que intervenções capazes de produzir impacto visual imediato.

Governar uma cidade exige mais do que inaugurar obras, exige cuidar continuamente daquilo que já existe.

Essa distinção é fundamental porque a qualidade urbana não depende apenas da capacidade de construir novos equipamentos públicos, depende, sobretudo, da capacidade de preservar, manter e qualificar os espaços já incorporados ao cotidiano da população. E é justamente essa contradição que deveria preocupar a população.

Gestão pública não pode ser medida apenas por quilômetros de asfalto executados, tubos instalados ou placas inauguradas, deve ser avaliada pela capacidade de transformar o espaço urbano em um ambiente mais limpo, seguro, organizado e digno para quem nele vive.

Sob esse critério, Manaus ainda está distante da cidade que já foi considerada uma das mais limpas do Brasil.

A política da maquiagem urbana

Nesse contexto, a administração municipal tornou-se alvo frequente de críticas.

Embora destaque investimentos em recapeamento, construção de complexos viários, eventos culturais e obras pontuais, a percepção de parte significativa da população é de que os problemas estruturais continuam sem solução.

O programa de asfaltamento transformou-se em uma das principais vitrines da gestão. Entretanto, basta percorrer diferentes bairros para verificar que muitos trechos apresentam desgaste precoce, remendos sucessivos e problemas recorrentes de drenagem.

Não raro, vias recém-recapadas voltam a apresentar defeitos poucos meses depois, especialmente durante o período chuvoso.

A situação evidencia uma antiga constatação da engenharia urbana: asfalto sem drenagem adequada costuma ter vida curta, a água encontra seu caminho, compromete a pavimentação e reduz a durabilidade de investimentos milionários.

Enquanto isso, desafios históricos avançam lentamente ou permanecem sem respostas satisfatórias: saneamento básico, recuperação dos igarapés, acessibilidade, ordenamento das calçadas, coleta seletiva, fiscalização de ocupações irregulares e revitalização dos espaços públicos.

O custo da negligência

O problema não é apenas estético. Uma cidade mal cuidada adoecce sua população. Esgoto a céu aberto favorece a disseminação de doenças. Buracos aumentam acidentes e prejuízos aos motoristas. Calçadas inadequadas excluem idosos e pessoas com deficiência. Igarapés poluídos comprometem o meio ambiente. A ausência de planejamento reduz a qualidade de vida e afasta investimentos.

O custo da negligência urbana é pago diariamente pelos moradores. Ele aparece no tempo perdido no trânsito, na insegurança, nos prejuízos materiais, na perda de produtividade e na crescente sensação de abandono.

A responsabilidade também é do eleitor

Seria injusto atribuir toda a responsabilidade apenas aos governantes. Manaus também sofre de um problema político recorrente: a memória curta do eleitor.

Gestões que falham frequentemente retornam ao poder com novos discursos, novos *slogans* e antigas práticas. Obras superficiais são apresentadas como grandes transformações. Problemas histó-

ricos são tratados como fatalidades inevitáveis, assim, perpetua-se um ciclo em que a cobrança cidadã surge durante os períodos eleitorais e desaparece logo depois.

Sem fiscalização social permanente, o poder público encontra terreno fértil para repetir erros.

Legado histórico: uma lição esquecida

A história das “Mulheres do Lixo” transcende a narrativa da limpeza urbana.

Ela representa um raro momento em que inovação administrativa, liderança, planejamento e compromisso com o interesse público produziram resultados concretos e reconhecidos nacionalmente.

O legado deixado por Harry MacNab Cant e Katharine Harper Cant demonstra que os problemas urbanos de Manaus jamais foram explicados apenas pela escassez de recursos financeiros, em grande medida, refletem escolhas políticas, prioridades administrativas e capacidade de gestão.

Ao recuperar essa experiência histórica, não se pretende defender o retorno de modelos do passado. O objetivo é recordar uma verdade frequentemente esquecida: cidades não se transformam apenas por meio de grandes obras, campanhas publicitárias ou discursos otimistas, transformam-se pela continuidade das políticas públicas, pela eficiência administrativa e pela capacidade de colocar o interesse coletivo acima dos interesses eleitorais.

A experiência ocorrida em Manaus há mais de sete décadas, permanece atual justamente porque mostra que excelência urbana não depende exclusivamente de riqueza, depende, sobretudo, de visão estratégica, liderança e compromisso com resultados duradouros.

A literatura urbanística contemporânea demonstra que cidades bem-sucedidas não são necessariamente aquelas que mais constroem, mas aquelas que conseguem preservar a continuidade de suas políticas públicas ao longo do tempo.

Os exemplos internacionais mais frequentemente citados em estudos urbanos — como Curitiba, Medellín, Copenhague e Bogotá — possuem trajetórias distintas, mas compartilham uma característica comum: a capacidade de transformar planejamento urbano em política de Estado, e não apenas em programa de governo. Manaus ainda busca alcançar esse estágio de maturidade institucional.

Talvez por isso a experiência das “Mulheres do Lixo” continue despertando interesse mais de setenta anos depois. Ela representa um momento raro em que visão estratégica, liderança administrativa e compromisso com resultados concretos conseguiram produzir uma transformação perceptível para toda a cidade.

A história da cidade prova que isso já foi possível. A pergunta que permanece é se ainda existe vontade política para fazê-lo novamente.

Uma cidade que merece mais

Manaus possui uma localização única, uma história extraordinária e uma importância estratégica para o Brasil. Foi símbolo da riqueza do ciclo da borracha, abriga patrimônio arquitetônico reconhecido internacionalmente, concentra a maior floresta tropical do planeta em seu entorno e constitui uma das principais capitais da Amazônia.

Nada disso, porém, é suficiente para compensar a deterioração cotidiana dos seus espaços urbanos. A experiência de Harry e Katherine Cant demonstra que transformar a cidade nunca foi uma questão de impossibilidade, foi, e continua sendo, uma questão de vontade política, planejamento eficiente e compromisso com o interesse coletivo.

O legado deixado por eles prova que Manaus já demonstrou capacidade de superar desafios urbanos complexos, o que falta não é conhecimento técnico nem ausência absoluta de recursos. Falta continuidade administrativa, planejamento de longo prazo e compromisso efetivo com resultados duradouros.

A Manaus que já foi referência nacional em limpeza urbana não desapareceu por acaso, foi sendo abandonada ao longo de décadas, gestão após gestão, promessa após promessa. e continuará distante de seu potencial enquanto governantes priorizarem soluções imediatistas em detrimento de políticas estruturantes e enquanto parte da sociedade aceitar como normal aquilo que deveria provocar indignação.

Manaus merece mais do que remendos, merece voltar a ser motivo de orgulho para quem nela vive.



Referências

BRASIL. Ministério das Cidades. *Sistema Nacional de Informações sobre Saneamento (SNIS): Diagnóstico dos Serviços de Água e Esgoto*. Brasília: Ministério das Cidades.

FUNDAÇÃO DE AMPARO E DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA – FADESP/FAU-UFPA. *Registros históricos sobre Katharine Harper Cant e a limpeza urbana amazônica*. Disponível em: <https://fauufpa.org/page/7/>. Acesso em: 16 jun. 2026.

INSTITUTO DURANGO DUARTE (IDD). Roteiro Amazônico: *Mulheres do Lixo*. Disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/roteiro-amazonico-mulheres-lixo/>. Acesso em: 16 jun. 2026.

INSTITUTO DURANGO DUARTE (IDD). *Acervo de reportagens históricas sobre Manaus*. Disponível em: <https://idd.org.br/reportagens/>. Acesso em: 16 jun. 2026.

INSTITUTO TRATA BRASIL. *Ranking do Saneamento*. São Paulo: Instituto Trata Brasil.

MANAUS. Prefeitura Municipal. *Plano Municipal de Saneamento Básico de Manaus*. Manaus: Prefeitura de Manaus.

REVISTA O CRUZEIRO. *Roteiro Amazônico – Manaus era uma das mais limpas cidades do país, graças às mulheres do lixo*. Rio de Janeiro, 26 ago. 1950. Disponível em: <https://fliphtml5.com/qetp/dapz/basic>. Acesso em: 16 jun. 2026.

Série Artigos

